

DESINFORMAÇÃO E ÓDIO: CONTRIBUIÇÕES DE PEIRCE, SIMION E SODRÉ

Disinformation and hate: contributions from Peirce, Simion and Sodré

Desinformación y odio: aportes de Peirce, Simion y Sodré

Tarcísio de Sá Cardoso¹

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i29.14916

Resumo: O artigo busca compreender a noção de desinformação e explorar sua agência na cultura do ódio, a partir das contribuições de Peirce, Simion e Sodré. Pergunta-se: como a desinformação e a cultura dos *haters* se articulam nas mídias digitais? Para responder a esta questão, foi utilizada a metodologia qualitativa e teórica, baseada em revisão bibliográfica. Como resultado, foi possível identificar na mobilização via internet paixões, como o ódio, e a ação da desinformação.

Palavras-chave: desinformação. ódio. Peirce. Simion. Sodré.

Abstract: The article aims to understand the notion of disinformation, and explore its agency in the culture of hate based on the contributions of Peirce, Simion and Sodré. In this text, the question is: how do disinformation and hater culture interact in digital media? To answer this question, qualitative and theoretical methodology was used, based on a bibliographic review. As a result, it was possible to identify the action of disinformation in the internet mobilization of passions, such as hate.

Keywords: disinformation. hate. Peirce. Simion. Sodré.

Resumen: El texto busca comprender la noción de desinformación y explorar su agencia en la cultura del odio a partir de los aportes de Peirce, Simion y Sodré. La pregunta es: ¿cómo interactúan la desinformación y la cultura del odio en los medios digitales? Para responder a esta pregunta se utilizó una metodología cualitativa y teórica, basada en una revisión bibliográfica. Como resultado, fue posible identificar la acción de la desinformación en la movilización de pasiones en Internet, como el odio.

Palabras-clave: desinformación. odio. Peirce. Simion. Sodré.

¹ Doutor; Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, Brasil. tcardoso@ufba.br | <https://orcid.org/0000-0002-1093-5307>

Introdução

Em tempos de desinformação, *fake news*, terraplanismo, bolhas epistêmicas e cultura do ódio, a relativização radical do conhecimento científico tem criado um cenário filosófica e socialmente desolador, mas que, justamente por isso, demanda mais compromissos da comunidade acadêmica para refletir sobre seu próprio contexto, marcado por uma série de disputas de narrativas sobre a realidade social (Allcott & Gentzkow, 2017; Butter, 2020; Kelp & Simion, 2023; McIntyre, 2018; Santaella, 2018, 2021; Tandoc, 2019). Especificamente com respeito à epistemologia social, interessa-nos compreender nuances do fenômeno da desinformação, notável nas práticas comunicativas por mídias digitais, com potencial de formação e reforço de bolhas sociais e câmaras de ecos, em que circulam muito mais informações homogêneas que dissonantes, de modo que os sistemas de crença tecnopoliticamente engendrados passam muitas vezes para a esfera pública mais larga, capaz de promover uma agenda epistêmica contrária ao próprio conhecimento científico.

Nos meios digitais de nossos dias, circula todo o tipo de versões nada científicas sobre o mundo natural e social, muitas delas sem fundamento factual e repletas de conspiracionismos. As dinâmicas da plataformização (Lemos & Bastos, 2022) tem trazido uma série de transformações sociais, dentre as quais se inserem os controversos fenômenos da desinformação e dos discursos de ódio, aqui entendidos a partir dos efeitos na formação de sistemas de crenças e de afetos, efeitos estes, portanto, tanto epistêmicos, quanto éticos e políticos (Oliveira, 2020; Pinheiro & Brito, 2014). Dentre estes, destacaram-se nos últimos anos os notáveis exemplos das crenças e discursos contrários às teorias científicas sobre vacina, isolamento social e medidas altamente recomendadas pela comunidade especializada durante toda a pandemia do coronavírus, ou mesmo as controvérsias em torno do

plebiscito do Brexit (2016), das eleições de Trump nos EUA (2016), de Bolsonaro no Brasil (2018) ou, mais recentemente, de Milei na Argentina (2023).

Diante deste cenário, surgem questões como: de que forma a cultura digital, da conexão, da democratização e do acesso à informação, tem potencializado a cultura da intolerância, do ódio e da desinformação? Essa questão tem mobilizado diversos campos do conhecimento nos últimos anos, como a filosofia, as ciências sociais, e as ciências sociais aplicadas, como a ciência da informação e da comunicação (Araújo & Oliveira, 2020; Fallis, 2014, 2015; Galhardi et al., 2020; Gottlieb & Dyer, 2020; Oliveira, 2020; Oliveira et al., 2021; Recuero, 2020; Shu et al., 2020). Alinhando-se com esta recente e, no entanto, já consolidada tradição interdisciplinar de estudos sobre desinformação, a presente pesquisa adotou a metodologia qualitativa e teórica, baseada na revisão bibliográfica, de modo a revisar contribuições importantes para uma melhor compreensão dos conceitos de desinformação e ódio, a fim de contribuir para uma urgente reconceitualização de desinformação, que dê conta das articulações com o universo das paixões e, em especial, da paixão do ódio. Quanto aos procedimentos, adotou-se a seguinte estratégia metodológica: 1) investigar o conceito de desinformação procurando autores que diferenciem desinformação de informação, a partir de uma análise sistemática de literatura, baseada no método ProKnow-C (verificou-se que a pesquisa recente de Simion tensiona o conceito de desinformação para uma nova direção, não mais como um tipo de informação, o que parece trazer importantes contribuições filosóficas e sociológicas); 2) realizar uma análise teórica sobre a noção de informação na teoria semiótica, procurando como esta noção aparece e que contribuição filosófica ela fornece para os desafios atuais da semiose, isto é, do crescimento do conhecimento (Santaella, 2008),

na cultura digital; realizar uma análise teórica sobre a noção de ódio na obra recente de Sodré, esclarecendo sua relação com o universo da cultura digital.

Assim, propõe-se articular saberes entre as disciplinas filosóficas, sociológicas, comunicacionais e informacionais, de modo que seja possível fomentar uma compreensão mais sólida sobre os problemas da circulação de desinformação nas sociedades contemporâneas, distintas pela influência marcante da cultura digital. Neste trabalho, pretende-se explorar tais interseções, em especial, aquela entre comunicação, semiótica e filosofia, recortando mais especificamente a formação mediada de crenças que caracteriza a desinformação e o fenômeno dos *haters*, relacionando-os a partir das contribuições de Charles Peirce, Mona Simion e Muniz Sodré. Espera-se que tal abordagem interdisciplinar possa contribuir para que possamos caminhar rumo à compreensão do dilema social da questão acima, que motiva este trabalho.

Do ponto de vista dos desafios atuais da comunicação e da epistemologia social, o fenômeno da desinformação é emblemático porque erode toda uma tradição de estudos que, desde a década de 1990, abordava o fenômeno digital pelo prisma teórico do “populismo tecnófilo” (Rüdiger, 2013, p. 27–36), como, por exemplo, o modo como Jenkins (2008) promovia o digital como uma espécie de solução social, com forte caráter mercadológico, e que entendia o dispositivo digital como o responsável por promover a “inteligência coletiva” (expressão, aliás, importada da obra também controversa de Pierre Levy, e empobrecida na leitura de Jenkins). Os efeitos da desinformação de 2016 para cá, no entanto, evidenciaram uma série de problemáticas contrárias ao conhecimento, ao avanço social e à promoção, por mídias digitais, da inteligência coletiva.

Para Simion (2023, p. 1), se as tentativas de fazer frente ao avanço da desinformação tiverem alguma chance de dar certo, será preciso abandonar a ideia de que “desinformação é um tipo de informação”. Isto porque tal posição epistemológica tem como efeitos práticos tornar as ações de combate à desinformação episódicas e pontuais. Para esclarecer este ponto, parece importante resgatar a teoria semiótica de Charles Peirce, que pode fornecer uma base filosófica para entender a tese de Simion de que desinformação não é informação.

Informação como conceito semiótico

Do ponto de vista da semiótica de Charles Peirce, informação é uma propriedade do símbolo², tipo de signo mais complexo. As condições pelas quais um ato de fala ganha sentido pela inclusão de elementos do contexto dizem respeito à colateralidade de outros signos que interferem na sua semiose (elementos conhecidos em outras teorias como aqueles do plano da enunciação). Essa colateralidade, isto é, o contexto no qual todo signo está ancorado, não pode ser notada pela observação do signo isolado (isto é, de um enunciado, uma frase, em si mesma), mas sim pela rede de relações que conecta este signo a outros signos, bem como a seus objetos e a seus interpretantes, de modo que no ato comunicativo há sempre elementos implícitos, que ajudam a informar algo sobre seu objeto para seu interpretante. No entanto, segundo Nöth e Amaral (2011), há duas teorias da informação na semiótica de Peirce, uma primeira que pode ser considerada semântica, e que entende informação como potencial de denotação e conotação dos signos; e uma segunda, que pode ser considerada a teoria

² A rigor, de acordo com Nöth e Amaral (2011, p. 22–23) na segunda teoria da informação de Peirce, é possível identificar um caráter informativo no signo indicial dicente, um tipo de signo não simbólico. Para mais detalhes, ver Nöth e Amaral (2011).

pragmática da informação, e que vê informação pela perspectiva do incremento que ela proporciona no conhecimento (aprendizagem).

Do primeiro ponto de vista, uma proposição é uma cópula, um símbolo. Assim, se uma sentença proposicional é enunciada, como, por exemplo, “Cloroquina cura Covid-19”³, há um apelo implícito a um código (no caso, o código verbal), isto é, a um sistema interpretativo, já que a frase só pode ser decodificada caso o interlocutor da mensagem adote o sistema de codificação (língua portuguesa) como chave interpretativa. Todavia, interpretar signos vai muito além do mero ato de usar uma chave interpretativa pronta, pois ao ler a frase acima, o interpretante do signo apreende a ideia geral de uma cópula entre os termos “Cloroquina” e “Covid-19” pelo verbo “curar” para produzir a ideia que está sendo veiculada – no caso da sentença “Cloroquina cura Covid-19”, essa apreensão significa a capacidade de transmitir pelo mecanismo semiótico do símbolo uma ideia de “cura” atribuída ao elemento “Cloroquina” para a doença referida pelo objeto “Covid-19”. No entanto, símbolos são signos de terceiridade e como tais incluem índices e ícones. No caso da frase em questão, há uma qualidade intencionada própria ao predicado verbal centrado na ação de “curar” que aponta o termo “Cloroquina” para lidar com objeto específico (“Covid-19”), ao mesmo tempo em que há também uma referência implícita ao contexto de ameaça à saúde da população. Tal referência ao contexto pode ser entendida, na semiótica, pela experiência colateral ao signo. No signo em questão, a colateralidade está dada pela

³ Esta sentença, especificamente, foi bastante utilizada em mensagens circuladas em grupos de Whatsapp por grupos políticos ligados ao ex-presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia do Covid-19. No projeto Monitor de Whatsapp (UFMG, 2018), que fez um levantamento das mensagens circuladas via Whatsapp, é possível identificar facilmente a recorrência de mensagens com caráter conspiracionista a respeito da tese não comprovada cientificamente de que a Cloroquina (Sulfato de Cloroquina) seria capaz de prevenir e curar a doença. As informações das bulas de Sulfato de Cloroquina especificam, ao contrário, que se trata de um medicamento indicado à profilaxia e tratamento de ataques agudos de malária, não havendo qualquer sugestão ou indicação de eficácia contra a Covid-19. Ainda assim, as mensagens sobre uma suposta cura e prevenção com 100% de eficácia foram fortemente propagadas em mídias digitais, criando o que Cardoso et al. (2021) chamam de “narrativa da cloroquina”.

experiência de um vírus tido como responsável pela doença, ambos, vírus e doença, externos à frase, mas internos no contexto no qual a frase produz seus efeitos de sentido. Desse modo, tal elemento colateral diz junto (e diz muito, justamente por compor o significado informacional do símbolo) com a frase veiculada aos participantes de um ato comunicativo, uma vez que tal contexto circunscreve o tempo e espaço daquele signo, enredando-o em suas semioses colaterais, de modo que seja possível produzir significado.

No entanto, Peirce elabora, além desta dimensão informativa reticular do signo (já que o signo está sempre imerso em um contexto de signos colaterais aos quais ele se conecta), uma concepção ainda mais pragmática de informação, articulada agora com a ideia de conhecimento novo que ele promove na rede. Para Nöth e Amaral (2011, p. 24), o signo mais plenamente informativo é aquele cujos papéis de ícone, índice, símbolo estejam combinados de modo a gerar os efeitos de uma semiose que amplia o conhecimento. Enquanto a função mais informativa do ícone seria a de servir como imagem na mente do intérprete (formação de imaginário), a função mais informativa do índice seria a de chamar a atenção para um fato, e a função mais informativa do símbolo seria a de informar sobre a regularidade de um fenômeno, relacionando experiências passadas e presentes com experiências futuras. Aí reside o sentido cognitivo da informação, que em Peirce corresponde à dimensão mais pragmática do signo: a capacidade de alterar a conduta. A conexão entre signos e condutas, entre discursos atuais e ações futuras é o que conecta a semiótica e o pragmatismo à consideração das consequências, isto é, dos efeitos possíveis dos signos. Se essa dimensão epistemológica é importante para a vida social, é porque as informações veiculadas em signos, eles próprios enredados em contextos, agem no modo como compreendemos o mundo à nossa volta. Como diz Peirce, o “conhecimento que não tenha

nenhuma influência sobre qualquer experiência futura – que não traga qualquer expectativa – seria [uma] informação acerca de um sonho” (CP 5.542 [1902]⁴). Uma vez entendido que informação está semioticamente relacionada à função cognitiva de signos e pensamentos na conduta, cumpre agora perguntar: qual seria a função da desinformação?

Da pragmática da informação para a da desinformação

Nos últimos anos, a enorme variedade de interpretações tem sido levantada sobre o tema da desinformação (Araújo & Oliveira, 2020; Fallis, 2014, 2015; Galhardi et al., 2020; Gottlieb & Dyer, 2020; Oliveira, 2020; Oliveira et al., 2021; Recuero, 2020; Shu et al., 2020). Propõe-se aqui analisar a conceituação de Mona Simion (2023), tanto por conta de seu rigor conceitual quanto por sua ênfase nas consequências, especialmente as de obstrução ao conhecimento. Entende-se a conceituação de Simion como um convite para olhar o fenômeno da desinformação pela chave da filosofia analítica e da ação, isto é, considerando o modo como ela exerce um efeito epistêmico no social e o modo como a forma social de tal efeito se manifesta. Partindo de uma questão tipicamente epistemológica, a leitura de Simion enfatiza não apenas a relação de signos com suas redes contextuais (dadas pela experiência colateral), mas também sua capacidade de produzir efeitos na conduta futura dos agentes da esfera social.

A diferença em relação à noção de informação que vimos pelo prisma da semiótica está no fato de a desinformação gerar ignorância, ao invés de conhecimento – o que a coloca como uma espécie de

⁴ Neste trabalho, seguindo o padrão internacionalmente adotado, a abreviação “CP” será usada para se referir à obra de coleção de textos elaborados por Peirce de nome “*The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*” (Peirce, 1978). Referência completa no final do artigo. As referências ao “*Collected Papers*” serão feitas pela numeração relativa ao volume e ao parágrafo (e não às páginas). Por exemplo, uma citação cuja referência bibliográfica esteja (CP 2.101) quer dizer que tal trecho pertence ao parágrafo de número 101 do segundo volume de “*Collected Papers*”.

semiose às avessas, ou contrária àquela da informação. Na definição de Simion, “X é desinformação em um contexto C se, e somente se, X é uma unidade de conteúdo comunicado no contexto C, que tem a disposição de gerar ou aumentar a ignorância em C em condições normais” (Simion, 2023, p. 5). Cumpre notar que esta tese da autora rejeita a ideia de que desinformação é um tipo de informação (Simion, 2023, p. 3–5).

O argumento de Simion defende que se tomarmos desinformação como informação falharemos em compreender o papel cognitivo contrário de ambas. E ao falhar nesse ponto, não conseguimos resolver os dilemas sociais atuais da desinformação, que continua assolando diversas sociedades em nossa era eminentemente digital. Na leitura de Simion, a ideia de que desinformação é um tipo de informação tem se mostrado especialmente problemática depois que o mundo inteiro assistiu atônito à força do movimento antivacina em todas as partes do planeta durante a pandemia da Covid-19. Vale lembrar que a expressão “infodemia” foi cunhada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em uma conferência de seu diretor geral, Tedros Adhanom, em 15 de fevereiro de 2020 (Zarocostas, 2020). A ideia de uma infodemia se refere ao tipo de desafio “informacional” de saúde pública caracterizado pelo aumento no volume de mensagens que circulam na esfera pública (Garcia et al., 2020) e que nos impele a buscar soluções político-epistêmicas para produzir mais conhecimento ao invés de ignorância. Diante desse quadro, urge a necessidade de articular esforços entre organizações, governos e ciências para combater a propagação da desinformação. Mas qual seria, então, o equívoco epistêmico-pragmático de tomar desinformação pela chave da informação?

Para Simion, o equívoco estaria na incompreensão de que a circulação de informações em atos comunicativos tem como intuito veicular valor de verdade sobre seus objetos (Simion, 2023, p. 4–6).

Como vimos no tópico anterior, se os signos fossem isolados de seus contextos, se fossem analisados sem a rede de colateralidade à qual estão semioticamente vinculados, eles perderiam boa parte de seu poder informativo e não veiculariam valor de verdade algum sobre seus objetos. Seria como se tivessem valor informativo meramente formal, tal como propõe o modelo cibernético da comunicação, que entende informação como dados a serem transmitidos. Tal modelo, cumpre ressaltar, desconecta a informação de toda a sua vida social, ou considera sua dimensão social como dada pela mera internalização de um código (uma gramática como a da língua portuguesa), que funcionaria como uma chave interpretativa morfológica ou “sintática”, mas não chegando aos níveis “semânticos” e “pragmáticos”⁵ da apreensão da informação, que caracterizam seu papel na produção de conhecimento. Se considerarmos o valor informacional de uma sentença isolada como “Cloroquina cura Covid-19”, para retomar o exemplo anterior, teremos muito pouca informação veiculada. No entanto, é a partir de seu enredamento em um contexto que tal signo adquire seu poder informativo de produzir significados e conhecimentos. Porém, este caso particular é emblemático para a desinformação, já que os sentidos produzidos promovem crenças e atitudes, cujos efeitos sociais são contrários ao que a própria expressão implicitamente promete realizar: a vitória na batalha contra a doença.

Evidentemente, o signo proferido naquela frase não é o único que tensiona interpretações no contexto em que circula. Colateralmente a ele, há outros, como, por exemplo, “Cloroquina não tem eficácia científica comprovada contra a Covid-19” e “A narrativa da ‘Cloroquina como pílula para curar a

⁵ A rigor, as dimensões “sintática”, “semântica” e “pragmática” não são expressões que compõem a semiótica de Charles Peirce. Esses termos foram popularizados pelos escritos de Charles Morris e devem ser lidos com cautela por uma abordagem semiótica, pois podem facilmente levar a interpretações enganosas. No entanto, as complexidades desse refinamento conceitual não serão objeto do presente estudo, que se limita a trazer tais termos, sempre entre aspas, como um recurso didático para dialogar com a comunidade mais ampla das ciências da comunicação, não necessariamente com especialistas em semiótica.

Covid-19’ é falsa”. O contraste entre os sentidos que cada uma dessas sentenças promove na semiosfera⁶ em que estamos imersos é o que vai criando, de modo relacional, um sistema de crenças social. É deste modo, isto é, considerando a rede de signos colaterais de um determinado contexto, que um signo assume uma “função informativa” (isto é, a aquisição de conhecimento, passível de falha, erro, portanto, revisão e melhoria de crenças diante de novas informações) ou, ao contrário, uma “função desinformativa” (isto é, a promoção de ignorância, que se blinda de possíveis falhas, ao aceitar seletivamente signos convenientes, rejeitando outros, dirigindo *a priori* tipos de informações admissíveis para a fixação de uma crença específica)⁷.

Portanto, para captar se um signo está informando ou desinformando, é preciso considerar não apenas seu potencial informativo/desinformativo na semiosfera, em contraste com aqueles de outros signos, mas também avaliar as consequências efetivas de determinada veiculação de signos neste contexto, de modo a permitir apreender o quanto ele contribuiu para a formação de conhecimento ou de ignorância no âmbito social. A identificação de um poder informativo ou desinformativo, desse modo, é feita apenas *a posteriori*, isto é, depois que a informação circulada exerce uma alteração nas condutas de agentes situados no contexto em que circulou. Assim, se adotamos a ideia de desinformação de Simion, como promoção de ignorância em um contexto, então a função desinformativa não é atributo a

⁶ Semiosfera não é um termo próprio à semiótica de Peirce (está relacionada à semiótica de Lotman). A expressão está sendo usada aqui para se referir de modo sugestivo à rede de signos que compõem um sistema social/cultural de crenças.

⁷ Sobre a leitura da fixação de crenças falsas na contemporaneidade a partir da semiótica e da filosofia peirceanas, há um interesse renovado por parte da literatura especializada em Peirce no Brasil (Cardoso & Barreto, 2022; Gomes & Broens, 2020; Ibri, 2021; Santaella, 2018, 2021). Ressalta-se aqui apenas a diferença entre a função de abertura a signos novos sobre o mesmo objeto, isto é, abertura à falha (falibilismo), versus a função de fechamento a signos novos e o estabelecimento de dogmas para julgar representações diferentes sobre um mesmo objeto, que definem os modos de fixar crenças da tenacidade, autoridade e *a priori*.

priori de um signo, e deve ser identificada como tal apenas depois de uma análise de seus efeitos na esfera social.

É preciso frisar que tal concepção de desinformação não se refere a problemas formais de signos, mas a problemas epistemológicos relativos às suas consequências sociais. Para dar conta da desinformação, é preciso, portanto, considerar não os signos isolados, mas a rede que os conecta, recorrendo a outros signos do mesmo objeto, considerando conjuntamente as consequências dos signos postos em circulação. Desse modo, defender que signos têm potencial de informação e desinformação (sobre algum objeto do signo para algum interpretante do signo), é se posicionar de modo radicalmente contrário à consideração meramente formal da informação, como, por exemplo, a teoria matemática da comunicação de Shannon e Weaver o faz, e que o senso comum que lê signo como informação tende a reproduzir acriticamente.

Mais do que isso, a pragmática da informação e da desinformação deve ser entendida a partir dos efeitos contrários que exercem na rede de crenças construída por mediações, pois enquanto a agência de uma (informação) fomenta o conhecimento a partir da abertura a novos signos e da possibilidade de revisão e correção dos anteriores, a agência da outra (desinformação) fomenta a ignorância a partir do estabelecimento de critérios *a priori* sobre o que deve ser preservado e o que deve ser rejeitado para a fixação de uma crença, ditando dogmaticamente as interpretações e dificultando revisões ulteriores de seu sentido. Ora, se, opostamente ao ato semiótico de informar que, como vimos, significa contribuir para a produção de conhecimento, desinformação promove ignorância, então, como lembra Simion (2023, p. 8), ela deve ser relacionada com a geração ou propagação de

crenças falsas, ou com a perda de conhecimento, ou ainda com o decréscimo de garantia de confiança em um conhecimento prévio.

Desinformação como mobilização de paixões

A fundamentação teórica adotada situou a problemática da desinformação em novas bases, na esperança de contribuir para somar esforços na direção de combater os efeitos epistêmico-sociais nefastos das engrenagens da desinformação. Um dos exemplos em que a desinformação parece ser mais perigosa no mundo contemporâneo está na “ação desinformativa” que mira nas audiências epistemicamente vulneráveis. Nelas, a redução da possibilidade de obter conhecimento pode ser altamente problemática do ponto de vista social, na medida em que tem alto potencial para dificultar, para tais audiências, o acesso a signos alternativos disponíveis e a consideração de tais signos como elementos colaterais importantes na formação de novas crenças. A seguir, será considerada a relação da desinformação com a mobilização de ódio por mediações digitais, tema que tem sido tratado como cultura dos *haters*.

Para considerar a relação entre desinformação e ódio, recorreremos às ideias de Muniz Sodré em “A sociedade incivil” (2021). Para Sodré, é pelas atuais dinâmicas de interação digitalmente mediadas que o fenômeno dos *haters* deve ser entendido. Em suas palavras, “o ódio como fato socialmente explícito em comportamentos cotidianos é uma questão emergente no mundo posto em rede, a ponto de se poder pensá-lo como uma forma acelerada e viral de comunicação” (Sodré, 2021, p. 225). O que caracteriza a prática social dos *haters* é o ódio ao outro, isto é, um sentimento de repulsa ou aversão radical ao indivíduo que representa a alteridade na psique ou o contraditório no debate racional. Por

este motivo, como fenômeno social, tal prática se reveste de fundamentalismo em termos de ideologias, levando Sodré a associá-la com uma espécie de “substrato sensível dos protofascismos emergentes” (Sodré, 2021, p. 225).

Como, no entanto, fazer uma leitura social de tal fenômeno da cultura digital? Uma leitura possível seria tomar o digital como vilão da modernidade, reduzindo a potência de seu sociotécnico a um regresso civilizatório, atualizando um ideal iluminista para o qual o “progresso social” seria representado pela capacidade de exercer um domínio aos impulsos da incivilidade por meio da racionalidade. No entanto, apesar de apontar que a contemporaneidade se dá na oposição à solução moderna, Sodré não vai se aliar à tradição filosófica da contestação, isto é, em pensadores que fundam suas reflexões como vigorosas denúncias dos problemas políticos relacionados aos cerne da filosofia moderna, evidenciando falhas do racionalismo e do empirismo, bem como os problemas do par opositivo sujeito/objeto, natureza/cultura, etc. Em seu livro, Sodré recorre a Heidegger, filósofo que critica a modernidade não no modo como concebia racionalidade ou experiência, mas no modo como purificava os sujeitos de seu inerente enredamento ao “mundo” no qual vivem. De modo similar à reflexão anterior sobre a importância de relacionar o potencial informativo de um signo a seu contexto, isto é, à rede de signos colaterais aos quais a vida semiótica está eminentemente enredada, a fenomenologia heideggeriana reflete sobre a necessária conexão do sujeito ao mundo.

Contrariamente ao “penso, logo existo” de Descartes, podemos perceber, no argumento de Sodré, que Heidegger estaria mais próximo de defender algo como: penso, pois existo em um mundo a ser pensado e no qual o pensamento é possível. Diferentemente de uma filosofia purificadora típica do projeto moderno ou iluminista, diferente da metafísica solipsista cartesiana e da hipótese do cérebro

extirpado, é justamente o conceito de fenômeno que caracteriza a condição experiencial da presença no mundo, condição fundamentalmente humana. É a “pre-sença”, no sentido de anterioridade à própria coisa experimentada, que caracteriza o “estar-no-mundo que é prévio à realidade viva do ente” (Sodré, 2021, p. 229). É na presença (do ser no mundo) que se radica a paixão, manifesta tanto como amor quanto como ódio. Uma vez que ambas podem ser alimentadas, interessa ao estudo das formas sociais do ódio olhar para as dinâmicas transitivas entre tais estados, isto é, para a transição entre ambas e para os modos comuns de se fomentar uma paixão ou outra.

Sodré considera, no entanto, o ódio como potência agregativa no plano do social. Isto pode parecer paradoxal, já que, como aversão ao outro, seria esperado que o ódio fosse antes um substrato psíquico com potência desagregadora do social, ao invés de agregadora. No entanto, é justamente quando une, associa, integra ou junta indivíduos que o ódio exerce um efeito notável no social. Atento a essa dinâmica paradoxal, Sodré observa que um dos cerne da potência agregadora do ódio é o medo, já que é precisamente a inimizade comum que condiciona o vínculo social próprio às sociabilidades da vida virtual, ou melhor, ao que denomina *bios virtual* ou *bios midiático*⁸.

Se o deslocamento da sociabilidade próprio ao *bios midiático* potencializa formas de ódio nas novas dinâmicas sociais, é porque o que quer que se entenda por “mídia” deve ser entendido como um mediador ou operador de reconfiguração do social. No caso do fenômeno dos *haters*, a reconfiguração se dá justamente por meio dos discursos de ódio, isto é, de violência simbólica, ela própria potencializada pela mídia digital. Diz Sodré (2021, p. 245–246), “Mas por que exatamente ódio? A

⁸ Em “Antropológica do espelho” (2008), Sodré define bios virtual ou bios midiático como um novo bios, isto é, novo modo de vida, um novo “modo de sistematização social, sobre um outro eidos (substância primeira, essência), que é a realidade simulada, vicária ou ainda virtual” (Sodré, 2008, p. 234). Recentemente, o autor adiciona que o bios virtual é “feito de fluxos (letras, sons, imagens e dígitos) apoiados em redes artificiais, definido por uma materialidade “leve”, ou mesmo pela imaterialidade, dos circuitos eletrônicos” (Sodré, 2021, p. 237).

provável resposta desenha-se com mais clareza quando a observação crítica está assestada para a internet, que é apenas a forma mais atualizada da mídia em sentido amplo (mídia disfarçada em plataforma distributiva)”.

É essa mídia internet que, para Sodré, potencializa a reconfiguração social com a mobilização de paixões quando congrega (vincula) aqueles que compactuam com uma aversão em comum e, por isso mesmo, representa também uma potência de desagregação social no sentido contrário ao bem comum, isto é, no sentido vinculativo social da própria comunicação, como ação de criar um mundo comum. É na contemporaneidade e no capitalismo de plataformas, contudo, que a mídia digital promove a falência dos cânones e das utopias modernas e, desse modo, o digital, como mídia e cultura reticular é o “responsável pelo longo desregramento [...] guiad[o] por um tipo de centralidade obscena das emoções” (Sodré, 2021, p. 246).

Articulação das três perspectivas teóricas: Peirce, Simion e Sodré em diálogo

Diante do que foi exposto até aqui, percebe-se que a articulação entre teoria semiótica, epistemologia e reflexões sobre as formas sociais do ódio na cultura digital aponta para a direção de que há uma retroalimentação entre dinâmicas de desinformação e dinâmicas de ódio. As ideias de Peirce, Simion e Sodré não foram elaboradas de modo articulado. Ao contrário, cada uma dessas teorias, que aliás são temporal e espacialmente distintas, foram elaboradas em diferentes contextos e com bases teóricas próprias. O que esta pesquisa percebeu foi que, quando articuladas, estas teorias podem permitir uma melhor compreensão de dilemas bastante atuais nos quais estamos sociotecnicamente e culturalmente imersos.

Quando a noção de *bios midiático* de Sodré é convocada para que se possa refletir sobre a forma social do ódio na internet, fica evidente que os dispositivos digitais ensejam uma nova forma de vida midiática, isto é, um novo modo de estabelecer mediações e produzir sentidos no mundo, forma esta que apresenta modos vinculativos próprios de alimentar paixões como o ódio. A semiótica, por sua vez, já nasce do entendimento de que mediação é só um outro nome para signo, consequentemente, as mediações digitais são produtoras ativas (em um modelo de produção colateral e em rede) de novos significados, pensamentos e novos sistemas de crença. A segunda teoria da informação de Peirce, construída a partir do modelo semiótico do símbolo, defende que os sentidos produzidos por atividades cognitivas vão na direção de um estar no mundo mais consciente, motivo pelo qual a dimensão informativa se relaciona com a noção de semiose. No entanto, a episteme-política da desinformação, como vimos a partir de Simion, vai na direção contrária à do conhecimento, isto é, promove um estar no mundo mais ignorante (menos consciente), mas que age socialmente de forma a gerar efeitos políticos.

Tais efeitos são articulados com a forma social das paixões odiosas de aversão ao outro e de paradoxal agregação junto aos grupos odiadores mutuamente reforçadores, de tal modo que essa forma social do ódio é produto e se fortalece pelo trabalho de robustas engrenagens de desinformação. Quando Sodré se pergunta em que medida a comunicação digital em rede é responsável pelo ódio, ele desloca a ênfase da ação da ferramenta (tecnológica) para a ação do dispositivo (sociotécnica). Atentar para o dispositivo digital, ao contrário do que para suas ferramentas, significa notar o modo pelo qual as várias camadas da mediação digital associam-se a uma notável mutação social.

[O poder do dispositivo] implica conexão visceral da tecnologia com a mutação socioeconômica e psicossocial da organização humana e que exacerba as relações sociais competitivas, em detrimento de solidariedade e amizade ou *philia*. A conquista de atenção, velho recurso mobilizador da mídia, persiste na

dinâmica das redes: o ódio mobiliza a atenção de si mesmo e do outro de maneira mais eficaz do que o lento afeto amoroso. Por quê? Possivelmente porque, a exemplo do clichê, é uma forma intensa de comunicação, sem passagem por mediações existenciais, afim ao trânsito veloz dos circuitos eletrônicos (Sodré, 2021, p. 254).

Se a maior potência do dispositivo digital é avessa ao respeito mútuo às diferenças e se, ao contrário, modeliza a ignorância histórica e fomenta o ódio, é porque se alimenta em diversas comunidades de interesse, em bolhas afetivas, isto é, em grupos fechados sobre si mesmos, que retroalimentam o narcisismo e a paixão odiosa. Na medida em que a percepção da realidade é tecnicamente mediada por uma espécie de filtro invisível (Pariser, 2012), a aversão à diferença acaba por subsidiar o ódio, que se materializa e se espalha em uma diversidade espantosa de gestos capturados e espalhados digitalmente. Desse modo, “o ódio irradiado é epifenômeno de um delírio narcísico, uma compensação imaginária para uma espécie de autoexecração civilizatória (aversão à simples existência de um ‘outro’ supostamente não vencedor no interior de um mesmo sistema)”. (Sodré, 2021, p. 256–257)

É neste cenário que ódio e desinformação se alimentam um do outro, formando uma aliança política poderosa. Nela, os *haters* se envolvem direta ou indiretamente na manipulação de narrativas para promover agendas políticas específicas, de modo que a distorção de acontecimentos serve à propagação de teorias da conspiração. Em muitos casos, tais agentes atacam ou desacreditam fontes de informação tidas como confiáveis. Não é incomum que difamem cientistas, jornalistas ou organizações que apresentem fatos ou perspectivas contrárias aos seus sistemas de crenças, simplesmente porque os tratam como o “outro” odiado, mirando seus ataques políticos assim na

confiança que uma audiência possível pode ter cultivado por aquelas fontes de informação. Quando não atacam diretamente tais fontes, por meio de agressões e intimidações, desencorajam suas participações nas arenas de debate sobre temas que lhes são caros, desestimulando, de forma indireta, a participação de oponentes considerados fortes, dificultando, conseqüentemente, a circulação de informações alternativas potencialmente construtivas para o conhecimento na esfera social.

Considerações finais

Este artigo pretendeu analisar as contribuições conceituais de Charles Peirce, Mona Simion e Muniz Sodré para compreender a noção de desinformação, bem como explorar sua agência e seu reforço na cultura do ódio. Primeiramente, foi resgatada a base teórica da semiótica peirceana para precisar como a noção de informação emerge da relação triádica signo-objeto-interpretante. Em um segundo momento, o artigo analisou a noção de desinformação defendida por Simion, segundo a qual desinformação não pode ser um tipo de informação. Argumentou-se que as abordagens de Peirce e Simion concentram-se nas conseqüências epistêmicas e sociais, de modo a situar informação e desinformação como processos opostos de mediação por signos. Por fim, esta base teórica foi adotada para indagar como a desinformação e a cultura do ódio se articulam nas mídias digitais, analisando, com o auxílio da teoria de Sodré, em que medida o fenômeno dos *haters* se alimenta das práticas de desinformação na cultura digital.

O presente trabalho, reconhecendo a urgência de somar esforços para compreender os aspectos sociais e cognitivos da desinformação e do ódio, esclareceu algumas formas por meio das

quais podemos relacionar tais fenômenos. Embora originadas de campos do saber distintos, as teorias semióticas, filosóficas e sociológicas utilizadas como base para a presente reflexão em comunicação convergem na importância que dão à necessidade de compreender as correlações entre agentes (como os signos e os sujeitos) e seus contextos (a rede de signos ou o sistema social que os circunda). A importância do contexto na análise da desinformação e no modo como esta se aplica, via cultura digital, ao fomento de ódio é fundamental para compreender os desafios das sociedades contemporâneas. Se a era digital trouxe um novo paradigma comunicacional, alterando a velocidade e o alcance da circulação de informações em rede, ela intensifica exponencialmente os desafios sociais, motivo pelo qual a pesquisa sobre desinformação é tão relevante na contemporaneidade.

Diante do exposto, é possível identificar na mobilização via internet de paixões odiosas a ação da desinformação. Se no passado indivíduos não podiam reivindicar na pólis seu “direito a desferir violência” contra o outro odiado, agora, na “pre-sença” (Sodré, 2021, p. 229) de um estar no mundo mais enredado, isto é, midiaticamente conectado, possivelmente agregador de comunidades de atores desviantes da civilidade, tais atores sociais articulados podem reforçar, em suas câmaras de eco, o ódio e a defesa de seus ideais extremistas. Muitas vezes distantes de um ideal civilizatório, suas retóricas não almejam forma lógica alguma, nem justificativas consistentes, mas, ao contrário, deliberadamente distorcem fatos conhecidos para adequá-los às opiniões pretendidas. Uma vez que tais agentes mobilizadores e mobilizados por paixões tendem a interagir mais com quem compartilha opiniões semelhantes, suas figurações sociais delineiam bolhas e promovem câmaras de eco, em que desinformações são reforçadas, amplificadas e circuladas para a esfera social como um todo.

Referências

- Allcott, H., & Gentzkow, M. (2017). Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(2), 211–236. <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>
- Araújo, R. F., & Oliveira, T. (2020). Desinformação e mensagens sobre a hidroxicloroquina no Twitter: Da pressão política à disputa científica. *Atoz: novas práticas em informação e conhecimento*, 9(2). <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/75929/42144>
- Butter, M. (2020). *The nature of conspiracy theories* (Digital Edition). Polity Press.
- Cardoso, T., & Barreto, C. M. (2022). Signo, inferência e crença: Apontamentos semióticos para dilemas contemporâneos. *TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, 25. <https://doi.org/10.23925/1984-3585.2022i25p76-95>
- Cardoso, T. S., Gomes, R. C. L. F., Nakagawa, F. S., & Nakagawa, R. M. O. (2021). A pílula mágica da gripezinha: A narrativa da cloroquina nos grupos bolsonaristas de WhatsApp durante a pandemia de Covid-19. *Fronteiras - estudos midiáticos*, 23(2), Artigo 2. <https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.12>
- Fallis, D. (2014). The Varieties of Disinformation. Em L. Floridi & P. Illari (Orgs.), *The Philosophy of Information Quality* (p. 135–161). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-07121-3_8
- Fallis, D. (2015). What Is Disinformation? *Library Trends*, 63(3), 401–426.
- Galhardi, C. P., Freire, N. P., Minayo, M. C. de S., & Fagundes, M. C. M. (2020). Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 4201–4210. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>
- Garcia, L. P., Duarte, E., Garcia, L. P., & Duarte, E. (2020). Infodemia: Excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(4). <https://doi.org/10.1590/s1679-49742020000400019>
- Gomes, A. P., & Broens, M. (2020). A formação de crenças na era das Fake News: Emoções e sentimentos epistêmicos. *FiloCzar*.
- Gottlieb, M., & Dyer, S. (2020). Information and Disinformation: Social Media in the COVID-19 Crisis. *Academic Emergency Medicine*, 27(7), 640. <https://doi.org/10.1111/acem.14036>
- Ibri, I. A. (2021). *Semiótica e Pragmatismo: Interfaces teóricas*: Vol. 2. FiloCzar.
- Jenkins, H. (2008). *Cultura da convergência*. Aleph.

Kelp, C., & Simion, M. (2023). What is trustworthiness? *Noûs*, 57(3), 667–683.

<https://doi.org/10.1111/nous.12448>

Lemos, A., & Bastos, G. (2022). A influência das plataformas digitais no trabalho dos beatmakers de hip-hop de Salvador. *Comunicação & Informação*, 25, 93–113. <https://doi.org/10.5216/ci.v25.71322>

McIntyre, L. (2018). *Post-truth* (Digital Edition). MIT Press.

Nöth, W., & Amaral, G. R. (2011). A teoria da informação de Charles S. Peirce. *TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, 0(05), Artigo 05. <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/52894>

Oliveira, T. (2020). Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. *Liinc em Revista*, 16(2), Artigo 2. <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i2.5374>

Oliveira, T., Araujo, R. F., Cerqueira, R. C., & Pedri, P. (2021). Politização de controvérsias científicas pela mídia brasileira em tempos de pandemia: A circulação de preprints sobre Covid-19 e seus reflexos. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 10(1), Artigo 1. <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.101202111810>

Pariser, E. (2012). *O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você*. Zahar.

Peirce, C. S. (1978). *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vol. I-VIII (1931-1978) (C. Hartshorne, P. Weiss, & A. Burks, Orgs.). The Belknap Press of Harvard University Press. [CP]

Pinheiro, M. M. K., & Brito, V. de P. (2014). Em busca do significado da desinformação. *Data Gram Zero*, 15(6).

Recuero, R. (2020). *SciELO - Brasil — #FraudenasUrnas: Estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018* #FraudenasUrnas: Estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018.

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/vKngbPRMjXbybBVRLYN3YTB/?lang=pt>

Rüdiger, F. (2013). *As teorias da cibercultura: Perspectivas, questões e autores*. Sulina.

Santaella, L. (2008). Epistemologia Semiótica. *Cognitio*, 9(1), 93–110.

Santaella, L. (2018). *A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa? Estação das letras e cores*.

Santaella, L. (2021). *De onde vem o poder da mentira? Estação das letras e cores*.

Shu, K., Bhattacharjee, A., Alatawi, F., Nazer, T. H., Ding, K., Karami, M., & Liu, H. (2020). Combating disinformation in a social media age. *WIREs Data Mining and Knowledge Discovery*, 10(6), e1385.

<https://doi.org/10.1002/widm.1385>

Simion, M. (2023). Knowledge and Disinformation. *Episteme*, 1–12. <https://doi.org/10.1017/epi.2023.25>

Sodré, M. (2008). Antropológica do espelho (6a Edição). Vozes.

Sodré, M. (2021). A sociedade incivil: Mídia, iliberalismo e finanças (1a Edição). Editora Vozes.

Tandoc, E. C. (2019). The facts of fake news: A research review. Sociology Compass, 13(9).

<https://doi.org/10.1111/soc4.12724>

UFMG. (2018). Eleições sem fake. Monitor de WhatsApp. <http://www.whatsapp-monitor.dcc.ufmg.br/>

Zarocostas, J. (2020). How to fight an infodemic. The Lancet, 395(10225), 676.

[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30461-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30461-X)